

Ana Delicado
Vera Borges
Steffen Dix

Introdução

O que nos leva hoje a escolher uma profissão? Porque é que nos tornamos cientistas, professores, artistas, médicos, sacerdotes, operários? Ou será que nascemos para uma determinada actividade profissional?

A estas questões está subjacente a noção de vocação. Vocábulo comum no discurso social, emerge quando se discute a orientação profissional no ensino básico e secundário, a escolha de um curso superior, a crise das vocações religiosas, o problema da selecção dos estudantes de Medicina, o desfasamento entre a oferta e a procura de trabalho, a flexibilidade e a mobilidade entre carreiras, a noção contemporânea de que é desejável obter satisfação e realização pessoal com o trabalho. Mas qual o seu significado sociológico? Que relevância tem na análise das profissões? Como se pode definir vocação?

Neste sentido, é inevitável citar Max Weber, visto que é a partir do seu clássico *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo* (1905) que o conceito de vocação entra no discurso das ciências sociais. Baseado nas traduções bíblicas de Lutero, Weber tenta reconstruir as mudanças no entendimento da palavra vocação (*Beruf*) por altura da Reforma do século XVI, mostrando uma viragem para uma clara conotação «mundana»:

Parece agora evidente na palavra alemão *Beruf*, bem como talvez de uma forma mais nítida no termo inglês *calling*, uma conotação religiosa: uma tarefa imposta por Deus [...]. E tal como o sentido da palavra, também a ideia é nova e um produto da Reforma. [...]: considerar o cumprimento do dever no quadro da actividade temporal como a acção moral mais elevada. Isto teve como consequência inelutável a atribuição de uma significação religiosa à actividade quotidiana [...] não reconhece qualquer superação da moral temporal através da ascese monástica, mas exclusivamente o cumprimento no mundo dos deveres que decorrem do lugar do indivíduo na vida social e que se tornam assim a sua vocação [Weber 1990, 52-53].

Em 1919, Weber retoma o conceito de vocação no seu texto *A Ciência como Vocação*¹ mas atribuindo-lhe um significado de algum modo diferente, desta feita associando a actividade científica a uma «experiência pessoal» e uma «devoção apaixonada»:

Quem não for capaz de [...] convencer-se a si mesmo de que a salvação da sua alma depende de poder comprovar esta conjuntura e não qualquer outra [...] está pouco apto para a ciência. Nunca sentirá em si próprio aquilo a que poderíamos chamar a vivência da ciência. Sem esta estranha embriaguez [...], sem essa paixão, sem esse sentimento [...] não se tem vocação para ciência [...]. Nada tem valor para o homem, enquanto homem, se não puder fazê-lo com paixão [Weber 1979, 113-114];

e identificando fortes paralelismos em relação à arte:

Ao contrário do que é vulgar acreditar-se, tão-pouco é menor o seu papel [da inspiração] na ciência que na arte. [...] Ambas são a embriaguez (no sentido da ‘mania’ platónica) e ‘inspiração’. [...] No campo da ciência só tem ‘personalidade’ quem está *pura e simplesmente ao serviço da causa*. E não é só no terreno científico que assim acontece. Não conhecemos nenhum artista que tenha feito outra coisa que não fosse servir a sua arte e só a ela. [...] a entrega a uma causa, e só a ela, eleva quem assim age até à altura e dignidade da própria causa. Também neste ponto se passa o mesmo com o cientista e o artista [Weber 1979, 116-118].

Weber sublinha ainda que na base de vida profissional de um cientista deve estar uma certa obrigação interior, ou seja, um «demónio» pessoal:

É necessário deitar-se ao trabalho e responder, como homem e como profissional, às ‘exigências de cada dia’. E isto é simples e fácil se cada um encontrar o demónio que maneja os fios da sua vida e lhe prestar obediência [Weber 1979, 151].²

¹ Também no texto intitulado *A Política como Vocação*, Weber distingue duas formas de fazer política e de ser político, com e sem vocação. O político sem vocação torna-se um funcionário e o político com vocação faz desta actividade a sua vida: «Quem vive ‘para’ a política faz ‘dela a sua vida’ num sentido *íntimo*; ou goza simplesmente com o exercício do poder que possui, ou alimenta o seu equilíbrio e tranquilidade com a consciência de ter dado um *sentido* à sua vida, pondo-a ao serviço de ‘algo’. Neste sentido profundo, todo o homem sério que vive para algo, vive também desse algo» (Weber 1979, 20).

² Noção que evoca o desejo «eudemónico» de Georg Simmel (1898), que tem a sua origem na palavra grega *eudaimonia*, usada na filosofia antiga no sentido

No entanto, o tema da vocação na teoria sociológica praticamente esgota-se em Weber, visto que autores posteriores praticamente não definem directamente vocação.³ Porém, são recorrentes na sociologia das profissões os trabalhos, fundamentalmente de carácter empírico e devotados a profissões específicas, que fazem referência a esta noção.

O conceito de vocação surge então associado ao chamamento religioso mas vai-se estendendo progressivamente a todas as esferas profissionais, com destaque para a arte e a ciência. E foi desta intersecção que nasceu a ideia para um seminário realizado no Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa pelos editores deste livro. O *workshop* internacional «A profissão como vocação» decorreu em Outubro de 2008 e contou com a participação de alguns oradores estrangeiros convidados⁴ e vários investigadores portugueses que responderam a um *call for papers*. Alguns foram depois desafiados a converter as suas apresentações em capítulos para esta colectânea.

Apesar de a vocação servir de mote, os textos ultrapassam largamente esta questão restrita, abordando temas como a profissão como objecto de pesquisa sociológica, as origens e processos de institucionalização das ocupações profissionais, o desenvolvimento de conhecimentos ou competências especializados, as transformações do mundo laboral e das carreiras. E, apesar de geralmente a noção de vocação estar mais associada às «profissões liberais» (*professions*) que a outras ocupações,⁵ sobretudo as manuais e

de uma estratégia de vida cujo objectivo principal é a felicidade. Trata-se de um compósito entre o prefixo *eu* («bem») e *daimon*, que pode significar a personificação de um destino subjectivo. Para Simmel significa uma atitude individual que encontra o valor máximo do ser humano na felicidade do indivíduo ou da sociedade.

³ Uma das excepções é o trabalho clássico de Bellah *et al.* (1985, 66) sobre os valores da sociedade americana, que entende a vocação ou o chamamento como «o ideal prático de actividade e carácter que torna o trabalho de uma pessoa moralmente inseparável da sua vida. Incorpora a pessoa numa comunidade de prática disciplinada e julgamento robusto cuja actividade tem significado e valor em si própria e não apenas no produto ou lucro que dela resulta».

⁴ Walter Sprondel (U. Tübingen, Alemanha), Joanne Duberley (U. Birmingham, Reino Unido), Laurie Cohen (U. Loughborough, Reino Unido), Hyacinthe Ravet (U. Paris IV, França) e Philippe Coulangeon (CREST-CNRS, França), assim como um investigador português, Manuel Villaverde Cabral (ICS-UL).

⁵ Em inglês distingue-se *profession*, que tem um sentido restrito, de *occupation*, respeitante a todo o conjunto de actividades profissionais. Na perspectiva de Andrew Abbott (1988), uma profissão agrega «um grupo ocupacional com

menos qualificadas, alguns destes textos «demonstram» que não é necessariamente assim.

Este livro divide-se em três partes: vocações de «cuidar e curar», com artigos sobre médicos, enfermeiros, outros profissionais de saúde; vocações das artes, com artigos sobre arquitectos, curadores, artistas e cientistas; vocações «de colarinho azul», com artigos sobre operários, polícias e militares.

O texto de Teresa Carvalho tem como foco de análise a profissionalização dos enfermeiros em meio hospitalar, situando-a tanto no contexto mais geral da evolução mundial da profissão desde o século XIX como no contexto específico das políticas de saúde em Portugal. Com base em entrevistas a enfermeiros com funções de gestão em hospitais, a autora isola três tipos de ideologia no discurso dos profissionais: a ideologia da vocação, a ideologia profissional e a ideologia *managerialista* ou de gestão.

Em seguida, Madalena Patriarca debruça-se sobre uma especialidade médica, a psiquiatria, para explorar a mudança dentro da profissão, associada à noção de progresso científico. Sustentado sobretudo em observação etnográfica e entrevistas a psiquiatras e internos de psiquiatria, este capítulo analisa o lugar da vocação numa prática médica que caminha na fronteira entre o humano e o técnico-científico.

O capítulo de Helder Raposo incide sobre a Medicina Baseada na Prova (MBP) como novo paradigma de prática médica que vem substituir, mais ou menos controversamente, uma abordagem mais humanista da profissão, com evidentes implicações sobre o sentimento de vocação. De forte cariz teórico, o texto faz contudo uma aproximação exploratória à introdução da MBP no contexto português.

Fernando Pereira traça a génese de uma nova profissão e área de conhecimento, nascida na fronteira entre a saúde e o apoio social: a gerontologia. Com base num inquérito exploratório a alunos de um curso de ensino superior, aflora questões como as motivações e dificuldades na formação e no exercício da profissão.

Paulo Granjo, no único texto desta colectânea que não diz respeito à realidade social portuguesa, examina o percurso de ingresso no ofício de curandeiro em Moçambique, discutindo o

algum *skill* especial» (Abbott 1988, 7) e a missão que qualquer profissão tem é resolver os problemas humanos de carácter objectivo e subjectivo (Abbott 1988, 33-36). A mesma noção de missão é retomada no texto que fecha esta colectânea.

carácter «voluntário» ou «imposto» do chamamento. Tomando as noções de vocação como culturalmente situadas, discute as convergências e divergências entre acepções teóricas e interpretações locais.

No capítulo de Manuel Villaverde Cabral e Vera Borges analisam-se os resultados de um inquérito realizado junto dos arquitectos portugueses tendo como ponto de partida os contributos da sociologia das profissões, em particular da sociologia das profissões artísticas. Os autores discutem as características sociodemográficas dos arquitectos, os seus percursos formativos, as formas como iniciam a sua vida profissional e as modalidades de exercício da profissão. Um dos resultados mais relevantes desta investigação é que o *ethos* da arquitectura assenta numa forte tensão entre a «vocação» e a «profissão». Considera-se que esta tensão explica o facto de a arquitectura continuar a atrair um número cada vez maior de «jovens chamados», embora depois no mercado de trabalho sejam poucos os «escolhidos».

O capítulo de Luísa Especial debruça-se sobre uma outra profissão do domínio artístico, os curadores de exposições. Alternando entre os panoramas internacional e nacional, a autora discute temas como a indefinição de papéis, a tensão entre a aprendizagem na prática e a crescente oferta de formação especializada, as hierarquias profissionais e as políticas de incentivo à actividade.

Vera Borges e Ana Delicado partem dos discursos dos artistas e cientistas sobre as suas escolhas de carreira para analisar as condições de formação da vocação, sob três pontos de vista principais: as disposições pessoais e as motivações intrínsecas dos indivíduos; as origens familiares e as experiências formativas; as actividades e trajectórias profissionais. Conclui-se que as semelhanças entre o «chamamento» produzido pelas artes e pela ciência começam desde cedo com uma «paixão forte» que move os indivíduos que se dedicam a estas actividades, e a sua materialização numa carreira profissional faz-se na escola.

Bruno Monteiro e Luísa Veloso analisam os processos de génese e reprodução da «vocação» operária. Com base em duas investigações realizadas na indústria, com uma forte componente de trabalho de campo realizado em unidades fabris, os autores discutem não só os regimes vocacionais mas também as singularidades de (re)conversão dos operários e os seus espaços quotidianos de identificação.

Susana Durão analisa a profissão e a vocação policial com base num conjunto de pares antagónicos: a unidade e a pluralidade da profissão policial, organizada como um sistema ou um agregado de corporações, como uma burocracia ou uma organização, a tensão entre o direito universal à segurança e o particularismo das distinções sociais, os constrangimentos do enquadramento e as oportunidades de autonomia na prática quotidiana, a proximidade e a distância ao público, as estruturas de poder verticais e horizontais, o saber profissional e o saber burocrático, e, por fim, o polícia como sujeito e actor profissional.

O último capítulo desta colectânea, da autoria de Helena Carreiras e Célia Agapito, examina a profissão e a vocação dos militares. Para além de uma análise dos debates teóricos contemporâneos, as autoras concentram-se na questão dos valores e motivações profissionais de alguns subgrupos particulares: os militares em missões de paz, as mulheres num período inicial da sua inserção nas fileiras e os cadetes da Academia Militar.

Para além da unidade temática dos grupos profissionais a que se referem as diferentes partes da colectânea, há a referir algumas das transversalidades que podemos encontrar nos capítulos: desde a referência quase incontornável a Weber e à sua definição de vocação (nos capítulos de Madalena Patriarca, Susana Durão, Manuel Villaverde Cabral e Vera Borges), até à emergência e autonomização de campos de saber e profissões associadas (no caso dos enfermeiros e dos gerontólogos), desde a análise das motivações para seguir uma profissão (no caso, por exemplo, dos artistas e cientistas de Vera Borges e Ana Delicado, dos militares de Helena Carreiras e Célia Agapito, dos curandeiros de Paulo Granjo) até às transformações no desempenho das actividades profissionais (patentes, por exemplo, nos textos de Hélder Raposo e de Madalena Patriarca), desde a observação da prática profissional quotidiana (por exemplo, dos curandeiros, por Paulo Granjo, dos operários, por Luísa Veloso e Bruno Monteiro, e dos polícias, por Susana Durão) aos processos de crescente «managerialização» de algumas profissões (caso, por exemplo, dos polícias estudados por Susana Durão e dos enfermeiros por Teresa Carvalho).

Por fim, o «Posfácio» de Walter Spondel fecha esta colectânea. Para responder à pergunta «quem chama os ‘chamados?’», o autor faz uma incursão histórica pelo conceito de profissão e procura enunciar as características que tornam as profissões interessantes

Introdução

para a análise sociológica. O conceito de vocação é transversal à religião, à ciência e à arte e, no fundo, a muitas esferas produtivas. Porquê? Porque é o «mundo da vida que ‘chama’» os indivíduos. Nos diferentes trabalhos que reunimos nesta colectânea o caminho biográfico dos indivíduos surge muitas vezes como uma resposta a um «chamamento».

Em suma, este livro pretende ser um contributo multidisciplinar e plurifacetado para a discussão em torno do conceito de vocação, procurando conjugar diversas escolas teóricas e distintas abordagens metodológicas e empíricas, para assim reconstituir um aspecto da construção social das profissões na sociedade portuguesa actual.